

Orquestra Barroca

Casa da Música

Ângela Alves soprano

Leonor Melo soprano

André Lacerda haute-contre

Almeno Gonçalves tenor

Luís Rendas Pereira barítono

23 Dez 2020 · 19:30 Sala Suggia

**ANO FRANÇA
MÚSICA PARA O NATAL**



casa da música

MECENAS MÚSICA PARA O NATAL

SANTA CASA
Misericórdia de Lisboa

O maestro Laurence Cummings dirigiu os ensaios de preparação para este concerto mas viu-se obrigado a regressar ao Reino Unido, por motivos de força maior.



Maestro Laurence Cummings sobre o programa do concerto.
[VIMEO.COM/493105130](https://vimeo.com/493105130)

MECENAS MÚSICA CORAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Marc-Antoine Charpentier

Prélude, de *In Nativitatem Domini Canticum: Usquequo avertis faciem tuam*, H. 416 (1690?)

Salut pour la veille des O et les 7 O suivant le Roman (1693?)

Noël: “Laissez paistre vos bestes”, H. 531/2

Salut pour la veille des O: “O salutaris hostia”, H. 36

Noël: “O Createur”, H. 531/1

Premier O: “O Sapienta”, H. 37

Antienne pour les violons, flûtes et hautbois a 4 parties, H. 532 (1691?)

Deuxième O: “O Adonaï”, H. 38

Noël: “Vous qui desirez sans fin”, H. 531/3

Troisième O: “O Radix lesse”, H. 39

Noël: “Les Bourgeois de Chastre”, H. 534/1

Quatrième O: “O Clavis David”, H. 40

Noël: “Ou sen vont ces guays bergers”, H. 534/2

Cinquième O: “O Oriens”, H. 41

Noël: “Joseph est bien marié”, H. 534/3

Sixième O: “O Rex gentium”, H. 42

Noël: “Or nous dites Marie”, H. 534/4

Septième O: “O Emmanuel”, H. 43

Nuit, de *In Nativitatem Domini Canticum: Usquequo avertis faciem tuam*, H. 416 (1690?)

Michel-Richard de Lalande

Grande Pièce Royale: 2^{ème} Fantasia ou Caprice que le Roi demandait souvent
(das *Symphonies pour les Soupers du Roi*) (c.1695)

Un peu lent — Vite — Doucement — Gracieusement — Gayement — Vivement

Marc-Antoine Charpentier

Histoire pour la Nativité de Nôtre Seigneur

Canticum in Nativitatem Domini: “Frigide noctis umbra”, H. 393 (1676)

[Canticum] In Circumcisione Domini: “Postquam consummati sunt”, H. 316 (1677)

[Canticum] Pour la fête de l'Épiphanie: “Cum natum esset Jesus”, H. 395 (1677)

[Canticum] In festo Purificationis: “Erat senex in Jerusalem”, H. 318 (1677)

Choeur: “Exultemus, jubilemus Deo”,

de *In Nativitatem Domini Canticum: Usquequo avertis faciem tuam*, H. 416 (1690?)

Textos originais e traduções nas páginas 9 a 14.

Duração aproximada do concerto: 70 minutos sem intervalo.

O Natal celebrado na Europa do século XVII tinha muito pouco em comum com o nosso Natal. Durante o Antigo Regime era uma celebração eminentemente religiosa, vivida sobretudo dentro das igrejas, onde as cerimónias religiosas se sucediam ininterruptamente desde a manhã da Véspera de Natal até terminado o dia da Natividade. Veja-se como exemplo o cerimonial da Capela Real de Versalhes no tempo de Luís XIV. Na manhã do dia 24 era celebrada a Missa da Vigília e ao início da tarde regressava-se à igreja para as Vésperas e Completas, que terminavam por volta das 17:00. Ao início da noite, pelas 21:15, tinham lugar as festivas Matinas do Natal. Como estas eram particularmente demoradas, o rei normalmente não se retirava da capela, sendo entretido com canções tradicionais de Natal (os *Noëls*) até se iniciar, quase sem interrupção, a Primeira Missa da Natividade — conhecida em França como *Messe de Minuit*. Depois sucediam-se as Laudes, no final das quais a corte, os capelães e os músicos se retiravam. Às 6:30 dizia-se a Missa da Aurora, com um cerimonial mais simplificado. A Terceira Missa do Natal, a mais magnífica, era celebrada às 10:00, de novo na presença de toda a corte, que regressava às 15:00 para as solenes Segundas Vésperas do Natal.

Na maior parte das igrejas, fossem catedrais, mosteiros ou colegiadas, havia um grande número de sacerdotes, todos eles obrigados a celebrar as três missas do Natal, pelo que nesses dias eram celebradas centenas de missas nos vários altares, ininterruptamente e durante várias horas. O mesmo ocorria em Versalhes, onde, para além dos capelães associados ao funcionamento da Capela Real, residia também desde 1682 uma comunidade religiosa de Padres da Missão ou Lazaristas, responsáveis pelo culto perene na Capela. Para além, claro, dos capelães e outros religiosos associados às

capelas da rainha, do delfim e dos demais príncipes, bem como os vários príncipes da igreja — arcebispos e cardeais — que, membros da mais alta nobreza, viviam quase permanentemente no palácio. Assim, para além das três missas reais, a que assistia a maior parte da corte, era costume Luís XIV e os demais membros da família real assistirem a mais algumas missas como devoção privada, sobretudo devido à crescente religiosidade imposta pela segunda esposa do rei, Madame de Maintenon.

Em Versalhes, sempre que o rei comia em público *au Grand Couvert* — fosse sozinho ou, mais habitualmente, com a família real mais próxima, reduzida só ao seu irmão e à sua cunhada — os músicos de câmara acompanhavam as refeições com música, e o Natal não era obviamente excepção. Mas a Véspera era dia de jejum e abstinência, e por isso o rei comia pouco, normalmente peixe e legumes. Os Invernos dos finais do século XVII foram particularmente rigorosos, Versalhes cobria-se de neve, e o Duque de Saint-Simon relata nas suas memórias como frequentemente o vinho congelava no cálice do rei. O palácio era muito vasto, as divisões enormes, as correntes de ar omnipresentes, os poucos fogões de sala eram sobretudo objectos decorativos e ineficientes, consumindo demasiada lenha, e quando acesos enchiam as salas de fumo. Recorria-se então a braseiras portáteis, e os cortesãos usavam roupa forrada a peles. Mas mesmo nos dias mais frios a corte divertia-se na neve: o *Grand Canal* congelava permitindo patinar, jogar uma espécie de hóquei, e sobretudo organizar cortejos e corridas de trenó!

O jantar de dia 25 era mais festivo e a corte compensava os rigores do Advento com uma substancial quantidade de carne, cozida, grelhada e assada. Depois, no *Grand Appartement* havia habitualmente soirée, com dança, concertos vocais e instrumentais, jogos de cartas,

animada conversação, e um sortido buffet onde, para além dos vinhos de *Champagne*, o chá, o café e até o chocolate quente, no Inverno brilhavam as compotas e as frutas cristalizadas. Ainda assim, não era comum organizarem-se divertimentos específicos por ser dia de Natal. Esses eram reservados para 6 de Janeiro, festa da Epifania ou de Reis, dia de grande gala em todas as cortes europeias e marcado em Versalhes por um esplendoroso baile formal na Galeria dos Espelhos, com recepção dos embaixadores. No dia 25 também não havia troca de prendas, pois era só no dia 1 de Janeiro que se trocavam lembranças: pequenas jóias e *objects d'art*, como uma tabaqueira ou um broche, ornados de pedras preciosas e contendo, por exemplo, um pequeno retrato em esmalte, ou ainda pequenas bolsas de cetim cheias de moedas de ouro.

Também não havia decorações especiais associadas ao Natal, ainda que no Inverno todas as divisões do palácio vissem as suas paredes revestidas a damascos e veludo, em tons escuros de grená e verde musgo ornados de galões de ouro, e que substituíam as sedas e os tafetás ligeiros usados do Verão. Já dentro das igrejas, nas grandes celebrações litúrgicas, as paredes de mármore eram cobertas a tapeçarias, e das balaustradas e sanefas pendiam cortinas de seda, veludo, prata e ouro. O presépio no período Barroco não era uma tradição em França, ao contrário de Portugal e Itália, e talvez só existisse nos conventos franciscanos, ainda que os Jesuítas comesçassem também a adoptá-lo. Mas eram comuns imagens do Menino Jesus, que se adornavam e expunham nestes dias nas igrejas ou que, como devoção privada, eram ricamente ataviadas de rendas e brocados e expostas nos oratórios dos apartamentos cortesãos.

Com cerca de 20 anos, **Marc-Antoine Charpentier** (1643-1704) partiu para Roma, onde estudou com o grande Giacomo Carissimi, Mestre de Capela do jesuítico *Collegio Germanico* e o mais original e prolífico compositor de oratórias. Aqui assimilou o melhor do mais moderno estilo italiano, não só na composição destas quase-óperas sacras em que predominava o recitativo, mas também na da música policoral. Charpentier regressou a Paris no final da década de 1660, onde encontrou protecção junto de *Mademoiselle de Guise*, a duquesa Maria de Lorena, prima do rei. Juntamente com a sua nora, *Madame de Guise*, igualmente viúva, devota e rica, possuem um pequeno mas muito talentoso grupo de músicos para o qual o compositor escreve uma grande quantidade de música sacra, mas também música de cena, como divertimentos e pastorais. Em 1672 é convidado por Molière para substituir Lully na composição de música para as *Comédies-Ballets*, e alguns anos mais tarde entra ao serviço do *Grand Dauphin*, o herdeiro do trono, como professor de composição.

A sua música é ouvida na corte e apreciada pelo rei, conforme relata o jornal *Mercure Galant*, mas, em 1683, quando do famoso concurso para a eleição de 4 *Sous-Maitres* para a Capela Real de Versalhes, Charpentier vê-se obrigado a desistir a meio por motivos de saúde. Esta triste ocorrência, juntamente com a *vendetta* de Lully, dirigida sobretudo a Molière mas que prejudicou seriamente Charpentier, contribuíram para uma certa amargura do compositor, que se sentiu injustiçado até ao fim dos seus dias. Em 1687, Charpentier tornou-se *Maitre de Musique* do colégio jesuíta Louis-le-Grand, e seguidamente da igreja de Saint-Louis des Jésuites. É então um compositor da moda, compondo sobretudo para os principais mosteiros e conventos parisienses ligados à alta nobreza, mas a estreia da sua grande e única *tragédie-lyrique* — *Médée*, em

1693, na *Académie Royale de Musique* — é um fracasso. O seu estilo é tido como demasiado intelectual, rebuscado e, sobretudo, demasiado italiano. Finalmente, em 1698, é escolhido para o seu último e mais prestigiante cargo, o de *Maître de Musique* da Sainte-Chapelle.

As **Antifonas do Ó**, também conhecidas como *Sete Grandes Antifonas*, são as antifonas do Magnificat nas Vésperas dos últimos 7 dias do Advento. Em cada uma delas, Jesus Cristo é invocado por um diferente título bíblico associado ao Messias pelo profeta Isaías: dia 17 “O Sapientia”; dia 18 “O Adonaí”; dia 19 “O Radix Jesse”; dia 20 “O Clavis David”; dia 21 “O Oriens”; dia 22 “O Rex Gentium”; dia 23 “O Emmanuel”. A interjeição *O* está na origem da tradicional evocação portuguesa de Nossa Senhora do Ó, sendo a representação da Virgem Maria grávida — comum até à sua proibição pelo Concílio de Trento — particular e adequadamente venerada durante o Advento. Mas a versão de Charpentier das 7 antifonas parece não se ter destinado às Vésperas propriamente ditas, mas sim a uma cerimónia para-litúrgica, muito provavelmente a Adoração do Santíssimo ou *Salut* realizada pelos Jesuítas antes ou após a oração principal da tarde. Por isso, o compositor antecede a colecção com um “O salutaris hostia” que, apesar da idêntica interjeição inicial, é extraído de um hino de S. Tomás de Aquino para a festa do Corpo de Deus e usado normalmente para a exposição do Sacramento.

A cada antifona do Advento, Charpentier associa, no seu manuscrito, um diferente *Noël* instrumental, que não tem uma função litúrgica específica mas poderia ser usado, nas Vésperas, como um substituto da Antifona, ou simplesmente como um complemento festivo e popular do cerimonial — um pouco como os *Vilancicos*

ibéricos. Os **Noëls** são canções tradicionais francesas, de origem quase sempre popular, ainda que alguns derivem de versões simplificadas de melodias gregorianas, ou até de obras eruditas vulgarizadas. Com origem no século XIII, foi no século XVI e XVII que conheceram maior voga — primeiro através da impressão de inúmeras recolhas, e mais tarde pelo seu aproveitamento pelos compositores que as incluíram em missas de Natal (como Charpentier e Brossard) ou os usaram como temas de conjuntos de variações, organizados em suites, sobretudo para teclado (como Lebègue, Gigault, Raison, Dandrieu, Daquin, Corrette e Balbastre), mas ocasionalmente para grupos instrumentais (como os de Lalande, Gervais, Chèdeville, Corrette e Gossec). A inocência, o vigor e a extemporaneidade dos *Noëls* de Charpentier contrastam com o tratamento intensamente espiritual, íntimo e requintado dos textos místicos e proféticos das antifonas.

Para este mesmo período litúrgico, Charpentier compôs mais de uma dezena de oratórias (*Histórias* ou *Diálogos*, como lhe chamava), algumas delas relativamente longas e sofisticadas, com orquestra, coro e vários solistas. Uma delas é ***Usquequo avertis faciem tuam***, composta cerca de 1690 para os Jesuítas, e da qual são interpretados hoje 3 excertos, em diferentes momentos do concerto: o “Prélude” inicial; uma belíssima página orquestral intitulada “Nuit”, que representa a calma e o silêncio misterioso da noite antes do anúncio do Anjo aos pastores; e o exultante coro final “Exultemus, jubilemus Deo”.

Já os outros 4 *Cânticos*, apresentados na segunda parte do concerto — “Frigide noctis umbra”, “Postquam consummati sunt”, “Cum natum esset Jesus” e “Erat senex in Jerusalem” —, situam-se entre a oratória e o moteto.

Apresentam uma história, contada por um ou vários narradores e dramatizada por diferentes personagens, como anjos, pastores, Herodes, os magos e Simeão. Recorrem abundantemente ao estilo recitativo, o “canto-falado” típico das obras dramáticas do período Barroco. Contudo são obras curtas, destinadas a um grupo diminuto — um trio vocal e um trio instrumental, com contínuo —, e poderiam ter sido destinadas a integrar uma celebração litúrgica como a Missa ou as Vésperas do dia correspondente: Natal; Circuncisão/Santo Nome de Jesus, a 1 de Janeiro; Epifania/Dia de Reis, a 6 de Janeiro; Purificação de Nossa Senhora/Apresentação de Jesus no Templo, a 2 de Fevereiro.

Pela sua datação (Inverno de 1676/77) e reduzido formato deverão ter sido compostos para os músicos de *Mademoiselle de Guise*, no palácio de quem Charpentier então residia. Um pouco à semelhança da *Oratória de Natal* de J. S. Bach, cada obra é independente e destinada a um diferente dia litúrgico. Mas o número constante de intérpretes, as durações muito aproximadas e a sucessão de tonalidades permite imaginar que uma interpretação em conjunto tenha sido considerada pelo compositor. O texto segue de perto a narrativa bíblica segundo Lucas e Mateus, mas com várias liberdades — tais como ampliações, como na reacção dos pastores ao anúncio do Anjo; simplificações, como a omissão da profecia de Miqueias relativamente a Belém; ou inserções de textos, como o cântico de inegável sabor popular entoado pelos pastores em honra de Jesus e de Maria, ou ainda o poético hino em louvor do Santo Nome de Jesus. São obras simples e agradáveis, mas muito emotivas e sinceras, no típico estilo de Charpentier, em que é clara a influência italiana de Carissimi, mas imbuído de uma graça e de uma elegância tipicamente francesas.

Michel-Richard de Lalande (1657-1726) era também parisiense e foi colega de Marin Marais enquanto menino de coro na Igreja de Saint-Germain L'Auxerrois. Distinguindo-se pelo seu talento precoce como cantor, passou para a Sainte-Chapelle, onde estreou as suas primeiras composições e chamou a atenção da nobreza influente. Tocava também violino, mas ao ver recusada por Lully a sua admissão nos *24 Violons* abandonou o instrumento e concentrou-se no cravo e no órgão, vindo a ocupar o posto de organista em várias igrejas importantes de Paris como Saint-Louis des Jésuites (onde poderá ter-se cruzado com Charpentier), Petit Saint-Antoine e Saint-Jean-en-Grève, servindo ainda de tutor do jovem François Couperin na igreja de Saint-Gervais. No já mencionado concurso de 1683, Lalande foi o candidato escolhido pelo próprio rei, iniciando-se assim a sua longa e brilhante carreira ao serviço da corte: em 1685 foi nomeado *Compositeur de la Musique de la Chambre*, assumindo em 1689 o posto de *Surintendant de la Musique de la Chambre*, o posto mais elevado e anteriormente ocupado por Lully. Também na Capela Real foi gradualmente assumindo os postos dos outros *Sous-Maîtres* até que, em 1715, se tornou o único responsável por toda a música sacra. Foi sobretudo como compositor dos *Grands Motets* que se executavam durante a missa do rei que Lalande se immortalizou, com várias colecções manuscritas e impressas das suas obras a serem ordenadas pelo próprio soberano, que sempre demonstrou pelo compositor uma grande estima e até amizade pessoal.

A *Grande Pièce Royale* é datada de 1695, mas num manuscrito de 1703 é re-intitulada *Deuxième Fantasia ou Caprice*, com o interessante subtítulo “*que o Rei pedia frequentemente*”. É a mais antiga das *sinfonias* ou peças instrumentais independentes de Lalande que

sobrevive. Mais tarde foi incluída na grande colecção conhecida como *Sinfonias para os Jantares do Rei* — reunida gradualmente em manuscritos entre 1703 e 1713 e que inclui mais de 300 andamentos instrumentais, divididos em 18 suites. A *Deuxième Fantasie ou Caprice* tem a singularidade, partilhada com mais algumas peças das *Symphonies* da colecção, de ser uma das mais antigas obras que concedem ao fagote um papel proeminente — não já no seu papel tradicional de baixo num trio de oboés ou parte do contínuo orquestral, mas como um verdadeiro solista, explorando sobretudo o *cantabile* melancólico do seu registo agudo, particularmente delicado. A obra distingue-se também por não ser uma suite de danças, a forma instrumental então favorita, sendo os andamentos identificados apenas pelos seus caracteres e tempos, ainda que seja fácil descortinar ritmos de várias danças — tais como uma *Passacaille*, uma *Gavotte* e uma *Gigue*. Curiosamente, é no final de um destes manuscritos que se encontram as duas recolhas de *Symphonies des Noéls* de Lalande usando as mesmas canções populares que Charpentier, e com a indicação de que “*costumavam ser tocadas na Capela Real na Noite de Natal*”.

FERNANDO MIGUEL JALÔTO, 2020

Antífonas do Ó

Salut pour la veille des O: “O salutaris hostia”

*O salutaris Hostia quae coeli pandis ostium.
bella premunt hostilia:
Da robur, fer auxilium.*

Premier O: “O Sapientia”

*O Sapientia, quae ex ore Altissimi prodisti,
attingens a fine usque ad finem
fortiter suaviterque disponens omnia:
Veni ad docendum nos viam prudentiae.*

Deuxième O: “O Adonai”

*O Adonai, et Dux domus Israel,
qui Moysi in igne flammae rubi apparuisti,
et ei in Sina legem dedisti:
Veni ad redimendum nos in brachio extento.*

Troisième O: “O Radix Jesse”

*O Radix Jesse,
qui stas in signum populorum,
super quem continebunt reges os suum,
quem gentes deprecabuntur:
Veni ad liberandum nos, jam noli tardare.*

Quatrième O: “O Clavis David”

*O Clavis David, et sceptrum domus Israel,
qui aperis, et nemo claudit;
claudis, et nemo aperit:
Veni, et educ vincitum de domo carceris,
sedentem in tenebris, et umbra mortis*

Cinquième O: “O Oriens”

*O Oriens, splendor lucis aeternae,
et sol justitiae:
Veni, et illumina sedentes in tenebris,
et umbra mortis.*

Sixième O: “O Rex gentium”

*O Rex gentium, et desideratus earum,
lapisque angularis, qui facis utraque unum:
Veni, et salva hominem,
quem de limo formasti.*

“Ó hóstia salvadora”

Ó hóstia salvadora, que abres a porta do céu,
as funestas guerras perseguem-nos:
Dá-nos força, vem em nosso auxílio.

“Ó Sapiência”

Ó Sapiência, que brotaste da boca do Altíssimo,
tudo abrangendo de um extremo ao outro
e tudo dispondo com força e suavidade:
Vem ensinar-nos o caminho da prudência.

“Ó Adonai”

Ó Adonai e Guia da casa de Israel,
que apareceste a Moisés na sarça em chamas
e que no Sinai lhe deste a lei:
Vem resgatar-nos com o braço estendido.

“Ó Raiz de Jessé”

Ó Raiz de Jessé, que permaneces
firme como estandarte dos povos,
sobre a qual os reis se calarão,
a quem as nações suplicarão:
Vem libertar-nos, por isso não te demores.

“Ó Chave de David”

Ó Chave de David e ceptro da casa de Israel,
que abres e ninguém fecha;
que fechas e ninguém abre:
Vem e tira do cárcere o prisioneiro,
sentado nas trevas e na sombra da morte.

“Ó Sol nascente”

Ó Sol nascente, esplendor da luz eterna,
e sol da justiça:
Vem e ilumina os que estão sentados
nas trevas e na sombra da morte.

“Ó Rei das nações”

Ó Rei das nações e por elas desejado,
pedra angular, que de dois fazes um:
Vem e salva o homem,
que formaste da lama.

Septième O: “O Emmanuel”

*O Emmanuel, Rex et legifer noster,
expectatio gentium, et Salvator earum:
Veni ad salvandum nos,
Domine, Deus noster.*

“Ó Emanuel”

Ó Emanuel, nosso Rei e legislador,
esperança das nações e seu Salvador:
Vem salvar-nos,
Senhor, nosso Deus.

História da Natividade de Nosso Senhor

Canticum in Nativitatem Domini

“Frigide noctis umbra”

HISTORICUS

*Frigidae noctis umbra totum orbem tegebat,
et immersi jacebant omnes in somno
profundo. Pastores autem Judaeae vigilabant
super gregem suum. Et ecce Angelus Domini
stetit juxta eos, et amictos splendore magno
sic ait illis:*

ANGELUS

*Nolite timere, pastores. Ecce annuntio vobis
gaudium magnum: quia natus est hodie
Salvator vester in civitate David. Et hoc erit
vobis signum: Invenietis infantem pannis
involotum, et positum in praesepio. Ite in
Bethlehem, et adorete illum.*

CHORUS PASTORUM

*Surgamus, eamus in Bethlehem,
properemus, festinemus. Ibi videbimus
puerum qui natus est nobis. Hic adorabimus
Deum sub forma peccatoris velatum. Quid
moramur, quid cunctamur, o pastores
inertes. Surgamus, eamus, properemus,
festinemus in Bethlehem.*

*Salve puerule, salve tenellule,
O nate parvule, quam bonus es.
Tu coelum deseris, tu mundo nasceris
nobis te ut miseris assimiles.*

Cântico na Natividade do Senhor

“A sombra da noite fria”

NARRADOR

A sombra da noite fria cobria toda a terra
e todos permaneciam imersos num sono
profundo. Porém, os pastores da Judeia
vigiam os seus rebanhos. Eis quando o
Anjo do Senhor parou junto deles e, envolto
em grande esplendor, disse-lhes o seguinte:

ANJO

Não temais, pastores. Venho anunciar-vos
uma grande alegria, pois hoje nasceu o
vosso Salvador na cidade de David. E
este será para vós o sinal: encontrareis o
menino envolvido em panos e deitado numa
manjedoura. Ide a Belém e adorai-o.

CORO DOS PASTORES

Levantemo-nos, vamos a Belém,
despachemo-nos, apressemo-nos. Lá
veremos o menino que nasceu por nós.
Então adoraremos Deus disfarçado sob
a forma do pecador. Porque demoramos,
porque tardamos, ó pastores indolentes?
Levantemo-nos, vamos, despachemo-nos,
apressemo-nos para Belém.

Salve a criancinha, salve, tão ternurenta,
ó pequenino recém-nascido, como és bom!
Tu deixas o céu, tu nasces no mundo por nós
para te tornares semelhante aos infelizes.

*O summa bonitas, excelsa Deitas
Vilis humanitas fit hodie.
Aeternus nascitur, immensus capitur
Et rei tegitur sub specie.*

*Virgo puerpera, Beata viscera
Dei cum opera dant Filium.
Gaude flos virginum,
Gaude spes hominum,
Fons lavans criminum Illuviem.*

**[Canticum] In Circumcisione Domini
“Postquam consummati sunt”**

*Postquam consummati sunt dies octo ut
circumcideretur puer: vocatum est nomen
ejus Jesus.*

*O nomen amabile.
O nomen laudabile.
O nomen admirabile.*

*O bone Jesu, tu qui aeternus es,
quomodo nasceris?
O bone Jesu, tu qui immensus es,
quomodo caperis?
O bone Jesu, qui sine culpa es,
quomodo circumcideris?*

*Audite mortales, audite peccatores Christi
bonitatem et admiramini charitatem ejus.
Factus es enim sub lege ut eos qui sub lege
essent lucrifaceret, et eos redimeret ab omni
iniquitate et populum sibi acceptabilem
mundaret. Quamobrem circumciditur et
vocatur Jesus.*

*O nomen amabile.
O nomen laudabile.
O nomen admirabile.*

Ó suma bondade, a excelsa Divindade
torna-se hoje vil humanidade.
Ele nasce eterno, é concebido como imenso
e esconde-se sob uma aparência vulgar.

Virgem que deu à luz, o seio bem-aventurado
por obra de Deus dá o seu Filho.
Regozija-te, flor das virgens,
Regozija-te, esperança dos homens,
Fonte que lava a sujidade dos males.

**[Cântico] Na Circuncisão do Senhor
“Depois de terem passado”**

Depois de terem passado os oito dias para a
circuncisão do menino, foi-lhe posto o nome
de Jesus.

Ó nome digno de amor.
Ó nome digno de louvor.
Ó nome digno de admiração.

Ó bom Jesus, tu que és eterno,
como nasces tu?
Ó bom Jesus, tu que és imenso,
como és tu escolhido?
Ó bom Jesus, que existes sem culpa,
como és tu circuncidado?

Ouvi, mortais, ouvi, pecadores, admiremos
a bondade de Cristo e a sua caridade. Na
verdade, nasceste sob a lei para conquistar
os que estavam sob a lei, para os resgatar
de toda a injustiça e purificar um povo que
adoptou para si. Eis porque é circuncidado e
se chama Jesus.

Ó nome digno de amor.
Ó nome digno de louvor.
Ó nome digno de admiração.

[Canticum] Pour la fête de l'Épiphanie

"Cum natum esset Jesus"

HISTORICUS

Cum natus esset Jesus in Bethlehem Juda in diebus Herodis regis, ecce Magi ab Oriente venerunt Jerosolymam, dicentes:

MAGI

Ubi est qui natus est rex Judaeorum? Vidimus enim stellam ejus ab Oriente, et venimus adorare eum. Ubi est? Quis dicet nobis?

HISTORICUS

Audiens autem Herodes rex, valde turbatus est. Et congregans principes sacerdotum, et Scribas populi, sciscitabatur ab eis ubi Christus nasceretur. At illi dixerunt: In Bethlehem Judae. Et clam vocatis Magis sic eos interrogabat:

HERODES

Quod signum vidistis super natum regem?

MAGI

Stellam vidimus fulgentem, cujus splendor illuminat mundum, inde quid inferedum? Hoc signum magni Regis est.

HERODES

Ite in Bethlehem: et cum inveneritis puerum, renuntiate mihi, ut ego veniens adorem illum.

HISTORICUS

Qui cum audissent regem, abierunt: et ecce stella, quam viderant in oriente, antecedebat eos, usquedum veniens staret supra, urbi erat puer. Et intrantes domum, invenerunt puerum cum matre ejus, et procidentem adoraverunt eum: et apertis thesauris suis obtulerunt ei munera, aurum, thus, et myrrham. Et in somniis admoniti ne redirent ad Herodem, per aliam viam reverse sunt in regionem suam.

[Cântico] Para a festa da Epifania

"Quando Jesus nasceu"

NARRADOR

Quando Jesus nasceu em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, logo os Magos vieram do Oriente para Jerusalém, dizendo:

MAGOS

Onde está aquele que nasceu rei dos Judeus? Nós vimos a sua estrela do Oriente e viemos adorá-lo. Onde está ele? Quem no-lo dirá?

NARRADOR

Ao saber disto, contudo, o rei Herodes ficou muito perturbado. Então, reuniu-se com os chefes dos sacerdotes e com os Escribas do povo e perguntou-lhes onde tinha nascido Cristo. E eles responderam: "Em Belém de Judá." Após ter chamado os Magos em segredo, interrogou-os:

HERODES

Que sinal vistes acerca do rei que nasceu?

MAGOS

Vimos uma estrela brilhante, cujo esplendor ilumina o mundo. O que se deve concluir daí? Que este é o sinal do grande Rei.

HERODES

Ide para Belém e, quando encontrardes o menino, avisai-me, para que eu, quando chegar, o vá adorar.

NARRADOR

Eles, tendo ouvido o rei, partiram: e eis que a estrela que tinham visto no Oriente ia à sua frente, até que, ao chegar, ficou imóvel, lá no alto, no lugar onde estava o menino. Quando entraram na casa, [os magos] encontraram o menino com a sua mãe e, prostrando-se, adoraram-no; e após abrirem os seus cofres, ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra. Porém, advertidos durante o sono para que não voltassem para junto de Herodes, regressaram à sua terra por outro caminho.

[Canticum] In festo Purificationis

“Erat senex in Jerusalem”

*Erat senex in Jerusalem cui nomen Simeon,
et homo iste justus, et timoratus, expectans
consolationem Israel.*

*Et responsum acceperat ille a Spiritu sancto,
non visurum se mortem nisi prius videret
Christum Domini.*

*Postquam autem impleti sunt dies
purgationis Mariae, praesentaverunt Jesum
in templo parentes ejus: et Simeon repletus
Spiritu sancto accepit puerum in ulnas suas,
et laetus dixit:*

*Nunc dimittis, nunc dimittis servum tuum
Domine. secundum verbum tuum in pace:
quia viderunt oculi mei salutare tuum quod
parasti ante faciem omnium populorum.
Lumen ad revelationem gentium et gloriam
plebis tuae Israel!*

*O res miranda!
Agnovit puerum senex
et factus est in puero puer.*

*O res stupenda!
Innovatus est in aetate
qui plenus erat pietate.*

*O res miranda!
Simeon senex Christum ferebat infantem,
Christus regabat Simeonis senectutem.*

*O res stupenda!
Christus ad senem hominem venit
qui mundum inveteratum invenit.*

*O res miranda,
O res stupenda!*

[Cântico] Na festa da Purificação

“Havia um velho em Jerusalém”

Havia um velho em Jerusalém chamado Simeão. Era um homem justo e temente a Deus, esperando a consolação de Israel.

Ele recebera uma revelação do Espírito Santo: não veria a sua morte sem que antes visse Cristo o Senhor.

No entanto, depois de terem passado os dias da purificação de Maria, os pais de Jesus apresentaram-no no templo: e Simeão, cheio do Espírito Santo, tomou o menino nos seus braços e, feliz, disse:

Agora, Senhor, podes deixar partir o teu servo em paz conforme as tuas palavras: porque os meus olhos viram a tua salvação, que preparaste diante de todos os povos. Luz para a revelação das nações e para glória do teu povo de Israel!

Ó coisa admirável!
O velho reconheceu o menino
e o menino foi eleito naquela criança.

Ó coisa extraordinária!
Foi renovado na idade
quem vivia em plena piedade.

Ó coisa admirável!
O velho Simeão levava o menino,
Cristo guiava a velhice de Simeão.

Ó coisa extraordinária!
Cristo veio ao encontro do velho homem
que conheceu um mundo envelhecido.

Ó coisa admirável,
Ó coisa extraordinária!

In Nativitatem Domini Canticum

“Exultemus, jubilemus Deo”

Exultemus, jubilemus

Deo salutari nostro.

Justitia regnabit in terra nostra

et pacis non erit finis.

“Exultemos, rejubilemos por Deus”

Exultemos, rejubilemos

por Deus, nosso salvador.

A justiça reinará na nossa terra

e a paz não terá fim.

Laurence Cummings

direcção musical

Laurence Cummings é um dos músicos mais versáteis na corrente da interpretação histórica em Inglaterra, como cravista e como maestro. Actualmente é director artístico do Festival Internacional Händel em Göttingen, director do Handel Festival de Londres e maestro titular da Orquestra Barroca Casa da Música. É considerado uma autoridade na música de Händel e “um dos melhores defensores do compositor em todo o mundo. Sóbrio no pódio, fiel acima de tudo à partitura, combina a energia e invenção de Händel com lirismo, generosidade e dignidade inconfundíveis” (Guardian).

Aclamado frequentemente pelas suas interpretações sofisticadas e empolgantes nos teatros de ópera, tem-se apresentado um pouco por toda a Europa, dirigindo produções para a Ópera de Zurique (*Belshazzar*, *King Arthur*), o Theater an der Wien (*Saul*), a Ópera de Gotemburgo (*Orfeu e Eurídice* de Gluck, *Giulio Cesare*, *Alcina* e *Idomeneo*), o Théâtre du Châtelet (*Saul*) e a Ópera de Lyon (*Messias*). No Reino Unido é convidado regular da English National Opera (*Radamisto*, *L'Incoronazione di Poppea*, *Semele*, *Messias*, *Orfeu* e *Indian Queen*), do Glyndebourne Festival (*Saul*, *Giulio Cesare* e *Fairy Queen*) e do Garsington Opera (*L'Incoronazione di Dario*, *L'Olympiade* e *La Verita in Cimento* de Vivaldi). Apresentou-se ainda no Linbury Theatre Covent Garden (*Berenice* e *Alceste*), na Opera North (*L'Incoronazione di Poppea*), no Buxton International Festival (*Tamerlano* e *Lucio Silla* de Mozart) e na Opera Glassworks no Wilton's Music Hall (*The Rake's Progress*).

É também um maestro experiente nas salas de concerto, sendo frequentemente convidado para dirigir orquestras de instrumentos de época e modernos, entre as quais a Academy

of Ancient Music, a Orchestra of the Age of Enlightenment, o English Concert, a Handel and Haydn Society em Boston, a Orquestra Barroca da Croácia, La Scintilla (Zurique), a Juilliard 415, o Musikkollegium Winterthur, a St Paul Chamber Orchestra, as Orquestras de Câmara de Zurique, Basileia, Moscovo e Escócia, e as Sinfónicas de Washington, Kansas, Jerusalém e da Rádio de Frankfurt. No Reino Unido dirigiu a Orquestra Hallé, a Royal Northern Sinfonia, a Sinfónica de Bournemouth, a Filarmónica Real de Liverpool, a Orquestra do Ulster e a Real Nacional Escocesa.

A sua discografia inclui gravações com Emma Kirkby e a Royal Academy of Music (BIS), Angelika Kirschlager e a Orquestra de Câmara da Basileia (Sony BMG), Maurice Steger e English Concert (Harmonia Mundi), e Ruby Hughes e a Orchestra of the Age of Enlightenment (Chandos), bem como um ciclo de óperas e concertos gravados no Festival Internacional Händel em Göttingen (Accent). Gravou ainda numerosos discos em recital de cravo solo e música de câmara para a Naxos.

Foi bolseiro de órgão no Christ Church em Oxford, onde se graduou com distinção. Até 2012, foi director dos estudos de Performance Histórica na Royal Academy of Music, criando no curriculum a prática em orquestras barrocas e clássicas. É agora *William Crotch Professor* de Performance Histórica.

Ângela Alves soprano

Ângela Alves é licenciada em canto pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), na classe de Fernanda Correia, e mestre em música pela Universidade de Aveiro, sob a orientação de António Salgado. Realizou cursos de aperfeiçoamento vocal com Jill Feldman, Christoph Rösel, Jorge Chamíné, Lamara Tchekónia, Lorraine Nubar, Dalton Baldwin, Rodolf Piernay, Charles Spencer, Gundula Janowitz, Hilde Zadeck, Laura Sarti, António Salgado, Enza Ferrari, Paulo Ferreira e Susan Waters.

Interpretou diversos papéis de ópera e foi solista em várias obras do repertório da música sacra. Trabalhou sob a direcção musical dos maestros: Manuel Ivo Cruz, Mário Mateus, Filipe Nabuco Silvestre, António Saiote, António Soares, António Sérgio Ferreira, Pedro Amaral, Paulo Martins, Artur Pinho, Osvaldo Ferreira, Rui Massena, Juam Trillo, James Holmes, Nikša Bareza, Emilio de César, Marc Tardue, Nicholas Kok, Laurence Cummings, Paul Hillier, Simon Carrington e Michael Sanderling, entre muitos outros.

Em 2015 colaborou com o Remix Ensemble, no âmbito do festival Música & Revolução, interpretando obras de Hanns Eisler (*Kantate im Exil*), Zemlinski (duas canções dos *Maeterlincklieder*) e Schoenberg ("Natur" de *6 Orchesterlieder*), sob a direcção de Baldur Brönnimann. Em 2018 colaborou com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, como solista na Missa n.º 5 em Lá bemol maior de Schubert, sob a direcção de Michael Sanderling.

Integra o Coro Casa da Música desde a sua formação, com o qual tem interpretado o mais variado repertório e trabalhado com maestros de renome internacional.

Leonor Melo soprano

Leonor Barbosa de Melo é mestre e licenciada em canto pela Universidade Católica, na classe de António Salgado e Sofia Serra. Foi solista convidada de várias orquestras e agrupamentos nacionais (Remix Ensemble, Orquestra do Norte, Orquestra de Guimarães, entre outros), sob a direcção de prestigiados maestros como José Eduardo Gomes, Brad Lubman e Pedro Neves, entre outros.

Participou em diversas gravações de CD, destacando-se a obra *Shadow Circles* de Vasco Mendonça (com Pedro Neves e o Remix Ensemble). Foi premiada em vários concursos, entre os quais o Concurso de Canto da Academia de Música do Fundão (1.º prémio, 2016) e o Concurso de Canto da Fundação Rotária Portuguesa (3.º prémio *ex-aequo*, 2013), entre outros.

A par da sua carreira a solo, é cantora residente do Coro Casa da Música desde 2011. Dedicase também à direcção coral, como maestra do Coro dos Pequenos Cantores de Coimbra e como ensaiadora do naipe dos sopranos do CSIC. Procura aprender continuamente com cantores de excelência como Monserrat Caballé, Elisabete Matos (com quem trabalha regularmente), Rudolf Piernay e Anna Tomowa-Sintow, a quem tanto deve e muito agradece.

André Lacerda *haute-contre*

André Lacerda é licenciado em canto pela Universidade de Aveiro, na classe de Isabel Alcobia, e mestre em interpretação artística e ensino da música pela Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE), na classe de António Salgado.

Como solista, interpretou: *Paixão segundo S. João* e *Paixão segundo S. Mateus, Missa em Si menor e Magnificat* de J. S. Bach; *Vespro della beata vergine* de Monteverdi; *Die Sieben letzten worte* de Haydn; *Requiem, Così fan tutte* (Ferrando) e *Le Nozze di Figaro* (D. Basilio) de Mozart; *Messias* e *Dixit Dominus* de Händel; *Stabat Mater, Requiem* e *Maddalena ai Piedi di Cristo* (Cristo) de Caldara; *Lobgesang* de Mendelssohn; *Serenade op. 31* e *Little Sweep* (Clem e Alfred) de Britten; *Perseo* de Carvalho; *Orphée aux Enfer* de Offenbach; *O Rapaz de Bronze* (Begónia) de Côte-Real; *As Guerras do Alecrim e Manjerona* (D. Fuas) de A. José da Silva; *Le Bourgeois Gentilhomme* e *Idylle sur la Paix* de Lully; *Les Arts Florissants* de Charpentier; *L'elisir d'amore* (Nemorino) de Donizetti; *Il palazzo incantato* (Alceste) de Rossi.

Colaborou com o Remix Ensemble, a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Orquestra Filarmonia das Beiras, a Orquestra do Norte e a Orquestra de Guimarães, e com os mais importantes ensembles de música antiga em Portugal — como Ludovice Ensemble, Divino Sospiro, Orquestra Barroca Casa da Música, Os Músicos do Tejo e Bando do Surunyo. Faz parte da formação base do Coro Casa da Música desde 2015.

Almeno Gonçalves *tenor*

Almeno Gonçalves nasceu em 1993, na cidade de Braga. Ingressou no Conservatório de Música Calouste Gulbenkian em 2006, onde concluiu o Curso Secundário de Composição. Nesse mesmo ano ingressou na Escola Superior de Música e Artes do Espectáculo (ESMAE) do Porto, onde frequentou o Curso Superior de Canto e a Pós-Graduação em Ópera e Estudos Músico-Teatrais.

A partir de 2009 trabalhou com a Capella Duriensis, com a qual já gravou um CD publicado pela Naxos. Desde esse ano colaborou também na formação alargada do Coro Casa da Música — passando a fazer parte da sua formação base em 2013 —, onde tem tido a oportunidade de trabalhar com maestros como Paul Hillier, Laurence Cummings e Kaspars Putniņš, entre muitos outros. Desde 2015 faz parte do ensemble Cupertinos, com o qual gravou dois CD publicados pela Hyperion (um deles premiado com o Gramophone para melhor álbum de música antiga), e do Absolute Vocem Ensemble, dirigido por Carlos Meireles. Em 2017 foi admitido no Collegium Vocale de Gent, dirigido por Philippe Herreweghe, onde actua regularmente tanto em obras sinfónicas como também em formações de câmara. Aí foi dirigido por Benjamin Bayl e Christoph Prégardien. É membro, desde 2018, do ensemble Moços do Coro, sob a direcção de Nuno Almeida. Colabora também com o Orpheus Vokalensemble (Alemanha), com o qual já gravou um CD publicado nas edições Carus. Recentemente foi admitido no Conservatório de Lyon, onde está a desenvolver um Mestrado em Canto de Música Antiga.

Luís Rendas Pereira barítono

Luís Rendas Pereira tem-se apresentado regularmente como solista em ópera, oratória e canção. Destacam-se as personagens protagonistas em *Le Nozze di Figaro* e *Così fan tutte* de Mozart; *The Old Maid and the Thief* e *O Telefone* de Menotti; *La Serva Padrona* de Pergolesi; e *Rita* de Donizetti — as últimas quatro em versões portuguesas. Trabalhou com os encenadores Claudio Hochman, António Durães, Cláudia Marisa, Paulo Lapa e Roberto T. Vecchia, entre outros. Fez parte dos elencos de estreia de *Ainda não vi-te as mãos* (Homem), de Edward d'Abreu, e *Geraldo e Samira*, de Amílcar Vasques Dias.

Interpretou um vasto repertório de oratória e concerto. Destacam-se a participação no *Te Deum* de Charpentier, o papel de Adão em *A Criação* de Haydn, os solos em diversas cantatas, na *Oratória de Natal*, no *Magnificat* e na *Missa em Si menor* de Bach e as *Vésperas* de Monteverdi. Cantou os solos dos *Requiem* de Mozart, Fauré, Durufly e Delius.

Apresentou-se com formações como as Orquestras Filarmonia das Beiras, Clássica da Madeira, Barroca Casa da Música, Clássica de Espinho, do Norte e ESART e o Remix Ensemble. Foi dirigido por H. Niquet, L. Cummings, P. Hillier, Cesário Costa, B. Brönnimann, A. Vassalo Lourenço, J. Ferreira Lobo, Brian Mackay e Gonçalo Lourenço, entre outros.

Luís Rendas Pereira ganhou o 1.º prémio (*ex-aequo*) no Concurso Santa Cecília, em 2013, e 3.ºs prémios no Concurso Cidade do Fundão (2014 e 2016). Desde 2014, tem-se apresentado em recital com a pianista Rita Seara, dando especial destaque à canção portuguesa. Em 2019, com a soprano Susana Vieira, estreou o recital “Perdido e Amado”. Tem participado e também produzido diversas Galas de Ópera.

Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings maestro titular

A Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspectiva historicamente informada. Para além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, a orquestra apresentou-se sob a direcção de Rinaldo Alessandrini, Alfredo Bernardini, Amandine Beyer, Fabio Biondi, Harry Christophers, Antonio Florio, Paul Hillier, Paul McCreesh, Riccardo Minasi, Andrew Parrott, Rachel Podger, Christophe Rousset, Dmitri Sinkovsky, Andreas Staier e Masaaki Suzuki, na companhia de solistas como Andreas Staier, Roberta Invernizzi, Franco Fagioli, Peter Kooij, Dmitri Sinkovsky, Alina Ibragimova, Rachel Podger, Marie Lys, Iestyn Davies, Rowan Pierce e os agrupamentos The Sixteen, Coro Casa da Música e Coro Infantil Casa da Música.

Os concertos da Orquestra Barroca têm recebido a unânime aclamação da crítica nacional e internacional. Fez a estreia portuguesa da ópera *Ottone* de Händel e, em 2012, a estreia moderna da obra *L'ippolito* de Francisco António de Almeida. Apresentou-se em digressão em Espanha (Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e em Ourense), Inglaterra (Festival Handel de Londres), França (Ópera de Dijon e Festivais Barrocos de Sablé e de Ambronay), Alemanha (BASF em Ludwigshafen am Rhein), Áustria (Konzerthaus de Viena) e China (Conservatório de Música da China em Pequim), além de concertos em várias cidades portuguesas — incluindo os festivais Braga Barroca e Noites de Queluz. Ao lado do Coro Casa da Música, interpretou Cantatas de Natal e a *Missa em Si menor* de Bach, excertos do *Messias* de Händel e as

Vésperas de Santo Inácio de Domenico Zipoli. Em 2015 estreou-se no Palau de la Musica em Barcelona, conquistando elogios entusiasmados da crítica. Ainda no mesmo ano, mereceu destaque a integral dos *Concertos Brandeburgueses* sob a direcção de Laurence Cummings. Tem tocado regularmente com o cravista de renome internacional Andreas Staier, com quem gravou o disco *À Portuguesa* (Harmonia Mundi, 2018), que incluiu dois concertos de Carlos Seixas e foi apresentado em actuações no Porto e em digressão — Ópera de Dijon, BASF em Ludwigshafen am Rhein, Konzerthaus de Viena e Noites de Queluz em Sintra. Em 2019, interpretou o *Stabat Mater* de Pergolesi e fez concertos dedicados à *Arte da Fuga* de Bach e às *Vésperas* de Monteverdi.

Na abertura da temporada de 2020, a Orquestra Barroca apresentou obras sacras de Charpentier sob a direcção de um dos maiores especialistas no Barroco francês, Hervé Niquet, e mais tarde voltou a colaborar com os maestros-solistas Rachel Podger e Dmitry Sinkovsky. Interpretou ainda obras de Bach e Telemann e celebra o Natal com um regresso à música de Charpentier.

A Orquestra Barroca Casa da Música editou em CD gravações ao vivo de obras de Avison, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direcção de alguns dos mais prestigiados maestros da actualidade internacional.

Orquestra Barroca Casa da Música (tal como seria no tempo de Luís XIV)

MAÎTRE DE MUSIQUE

Laurence Cummings

CHAPELLE

Dessus

Ângela Alves & Leonor Melo

Haute-Contre

André Lacerda

Taille

Almeno Gonçalves

Basse-Taille

Luís Rendas Pereira

PETIT CHŒUR

Dessus de Violon

Huw Daniel & Reyes Gallardo

Basse de Viole

Sofia Diniz

GRAND CHŒUR

Dessus de Violon

Cecília Falcão, Prisca Stalmarski,

Ariana Dantas & Raquel Cravino

Haute-Contres de Violon

Trevor McTait & César Nogueira

Tailles de Violon

Raquel Massadas & Isabel Juárez

Petites Basses de Violon à l'Italienne

Filipe Quaresma & Vanessa Pires

Grande Basse de Violon

José Fidalgo

FLÛTES ET HAUTOBOIS DE L'ÉCURIE

Flûte & Flûte Allemande

Joana Amorim

Flûtes & Hautbois

Pedro Castro & Andreia Carvalho

Flûte & Basson

José Rodrigues Gomes

BASSE CONTINUE

Théorbe

Josep Maria Martí

Orgue

Fernando Miguel Jalôto

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

